

## GÜASÚ E USÚ NA DIACRONIA DAS LINGUAS E DIALEOTOS TUPI-GUARANIS

FREDERICO G. EDELWEISS

(Continuação)

### XVII

#### AS FORMAS SIRIONÓS CORRESPONDENTES A "GÜASÚ" e "USÚ"

Temos da língua sirionó compêndios mais completos do que de qualquer outro dialeto tupi-guarani atual. Não há, pois, da sua parte dificuldades insuperáveis para estudos comparativos com o tupi e o guarani antigos.

O que, entretanto, logo se nota é que o sirionó se coloca na ponta extrema da escala diversificatória dos diversos dialetos aqui examinados, embora apenas no que diz respeito a uma faceta mínima da sua estrutura.

Se, pois, o sirionó se diversificou morficamente bem mais do que os outros galhos referidos, não nos deve surpreender que as formas aumentativas e superlativas também se distanciassem das originais. As sucessivas alterações do seu léxico esfumaram inevitavelmente muitas das suas etimologias a ponto de se tornar perigosa qualquer conclusão que não seja estribada em acurados estudos comparativos.

É no supreendente desconhecimento desse escolho que está uma grande falha do *Vocabulário Sirionó-Castelhano*, de frei Schermair. Há nêle, a conspurcar-lhe deploravelmente o afanoso e meritório trabalho, centenas de traiçoeiras pseudo-etimologias, que não resistem à mínima análise crítica. Esses frutos pecos da grande ilusão de frei Schermair nasceram do "imenso

*desejo de decifrar todas as palavras bissílabicas e polissílabicas*" (1), como se o sirionó fosse descendente direto de língua monossilábica supostamente falada pelos primeiros homens. E, nesse anseio quimérico acrescenta:

"Nos casos em que não me foi possível conseguir certeza completa das sílabas componentes, (entenda-se "dos monossílabos primários") com raras exceções não manifestei opinião (!!). Desta maneira, os filólogos guaranistas podem ter inteira confiança nos resultados indicados e garantir-lhes a sua autenticidade" (1).

*Sancta simplicitas!* Como pode um lingüista pensar em elaborar etimologias exclusivamente baseado num dialeto guarani, cujo vocabulário já não possui nem trinta por cento (!) das formas genuinamente guaranis consignadas ainda na primeira metade dos séculos dezessete e dezoito?

Só a ingenuidade e o pouco apreço das normas lingüísticas podiam inspirar semelhante tentame, incapaz de conduzir a resultados cientificamente aproveitáveis. Coitados dos glotólogos que se deixarem seduzir pelo faro interpretador do operoso franciscano (2), que por vezes lembra, mas deixa longe certas idéias excêntricas do fantasioso pe. Tastevin, cujo atrevimento até nos círculos cultos não especializados fez alguma impressão, levando uns poucos a manifestar em letra de fôrma a sua comprometedora credulidade.

Não podíamos dispensar êste prelúdio um tanto franco e algo destoante da precipitada apreciação dos prefaciadores do *Vocabulário Sirionó-Castellano*, porque, mesmo no capítulo restrito que ora nos ocupa, seremos obrigados a, pelo menos, desaprumar algumas das afoitas hipóteses etimológicas com as quais o pe. Schermair vem de engrossar as fantasias já existentes nesse vasto campo do dilettantismo, onde também nós, inicialmente, nem sempre brilhamos pela prudente ausência.

O que no sirionó complica sobremodo as definições etimológicas, não vem a ser apenas a sistole e a apócope como no guarajá, mas toda uma série de metaplasmhos e, dentre êles, principalmente a aférese, a sincope e a prótese. Alguns dêles modificaram sensivelmente as formas correspondentes a *guásu* e *usú* no sirionó, que passaremos a examinar. São êles:

*Kíasu, nkíasu, busu, mbusu, rusu, su, ru, ndusu, ndu e tiusu.*

Ora, se nos aumentativos e superlativos as formas correspondentes a *guásu* e *usú* do tupi e do guarani já não obedecem rigorosamente às velhas praxes fonéticas no guarajá, de léxico muito mais chegado aos velhos dialetos, a sua discrepância maior no sirionó, dialetalmente muito mais distanciado, é conjecturável no particular com relativa certeza. Com efeito, não

1. *Vocabulário Sirionó-Castellano*; p. 11.

2. Esperamos voltar ao assunto tão logo tenhamos algum incentivo para comentar certos outros postulados gramaticais, tratados com a mesma afoiteza, sem a mínima consideração aos antecedentes históricos.

se mantiveram apenas algumas das formas aumentativas e superlativas irregulares em *busu* e *rusu*, por força da ascendência guarani, mas, tendo-se obliterado completamente as razões que as originaram, a sua incidência proliferou atabalhadamente, ainda mais divorciada das bases morfológicas do que no guarai.

Além disso, o velho *gūasú*, de *g* muito brando, transformou-se em *kūasu*. Esse fonema duplo *kū*, onde o *k* representa uma dinamização do *g* muito brando do tupi e no guarani, é mais um indicio do cunho oclusivo correntio da silaba inicial.

A par dessas variações comuns a diversos dialetos, o sirionó possui outras, provavelmente idiomáticas, como: *ru* e o seu abrandamento *ndu*, ao lado de *ndusu*, que é a forma abrandada de *rusu*. - *Ndu* e *ndusu* substituem respectivamente *ru* e *rusu* depois de fonemas nasalados, assim como *kūasu* e *busu* em casos idênticos se tornam *nkūasu* e *mbusu*.

Temos em *yusu* (=*tiusu*) (3) uma reminiscência de *yusú* (=*djusú*) guarani (4), a que também parece corresponder na aplicação, sem afastar, entretanto, outras variações, como se vê nos térmos sirionós para *dente grande*.

Vejamos agora sucintamente, através de uma série de exemplos, colhidos no vocabulário sirionó-castelhano de frei Schermaier, o uso das diversas formas, que ali substituiram as tupis *gūasú* e *usú*. Dizemos *tupis*, porque é através dos seus vocábulos mais arcaicos, não apocopados, que resalta plenamente a razão etimológica invocada em certos exemplos e geralmente respeitada no guarani.

#### EXEMPLOS EM "KŪASU"

Sirionó	— Tupi	— Português
p. 268 — nikare kūasu	— iakaré-gūasú	— jacaré grande;
p. 320 — rete kūasu (4a)	— eté-gūasú (t-, r-, s-)	— corpo grande;
p. 373 — sēndi kūasu	— endy-gūasú (t, r-, s-)	— grande chama; muito reluzente;
p. 222 — tesa kūasu	— endy-gūasú (t-, r-, s-)	— olhos-grandes (uma cobra) (5);

3. No guarai já não existe a variação correspondente, que ali foi substituída por *busu*.
4. Os velhos guaranistas intercalam o fonema eufônico *y* (=*dj*) depois de dítonos decrescentes em *i*: *mboi-djusú* — cobra grande; *topehyi-djusú* — sono pesado.
- 4a. Fixou-se no sirionó a forma do antigo relativo em *r* inicial.
5. A transcrição em tupi é literal. No sirionó parece haver-se perdido completamente a noção dos índices de classe, como se vê aqui pelo uso do *t* na designação de uma cobra comum. Não deve o fato causar surpresa, se já no guarani é patente a sua decadência. A inicial *s* no tupi é o índice da classe inferior.

p. 75 — duíiu kúasu	— tuiuk-usú	— muita lama, lameiro grande;
p. 249 — muta kúasu	— amotab-usú (6)	— barba grande;
p. 205 — rerekúua kúasu	— rekúar-usú (te-, re-, — dono grande, dono principal.)	dono grande, dono principal.

Nos quatro primeiros exemplos as formas para *grande*, *muito* correspondem-se no sirionó e no tupi; é que em ambas as línguas o nome é terminado em vogal, embora no sirionó já não seja tônica. Nos três últimos as palavras tupis: *tuiuka*, *amotaba* e *rekúara* sofreram modificações das mais diversas no sirionó e uma delas, a apócope, é responsável pelo desaparecimento das antigas terminações e pela decorrente indecisão no emprêgo das formas correspondentes a *gūasú* e *usú*. Dizemos indecisão, porque, embora tenhamos citado *muta kúasu*, também se encontra *muta busú* e *muta rusú*, onde nada mais sobrevive das antigas praxes.

#### EXEMPLOS EM "NKÚASU"

Sirionó	Tupi	Português
p. 34 — amā nkúasu	— aman-usú (7)	— rio grande;
p. 95 — gūān nkúasu (7a)	— ?	— uma árvore e o seu fruto;
p. 205 — tiēē nkúasu	— nheeng-apūā (8)	— falar alto;
p. 324 — rēi nkúasu	— âi-usú (t-, r-, s-) (anh-usú (t-, r-, s-) (— dente grande.	

#### A FORMA "BUSU"

Para os menos avisados já Montoya parece legitimar a forma *busu*. Com efeito, quem ler por alto o verbete *yabá* (fl. 184) do seu *Tesoro* e depois

6. Veja-se a incrível etimologia de frei Schermaier desta palavra muta. Interpreta as duas sílabas como se correspondessem às palavras mu + ta (em tupi mo etá) — fazer (com que sejam) muitos.  
Porém, as partes componentes deste vocábulo, certamente antigo, devem ter sido muito alteradas sem, entretanto, disfarçar a parte final ta(ba) — pelos. — Como *ambótá*, além de bigode, no guarani também designa a pubis, a etimologia de Batista Caetano: amā + taba — pêlo em redor, obedece ao menos a certo raciocínio. (Veja o verbete *ambótá* em Batista Caetano). Frisemos ainda a diversidade das acepções do termo nos vários dialetos; além das citadas no guarani, tem a de barba animal no tupi, e de barba em geral, no guaralo e sirionó. Em tupi, *amotaba* significa propriamente bigode e os pelos que se lhe assemelham nos animais.
7. O termo tupi significa muita (água de) chuva. Vê-se por ai que o sirionó não conservou o nome geral i (y no tupi) — água para designar os rios, divergindo nisso dos principais dialetos tupi-guaranis.  
7a. Há também a forma *gūan kúasú*.
8. O tupi ampliou o sentido de apūā — saliente, sobressainse, quando aplicado à voz. No sirionó aproveitaram, como em outros casos, o adjetivo *gūasú* (*nkúasú*) para o mesmo fim (p. 466).
9. A par de *rēi nkúasú* existem ainda *rēi nitiusu* e *rēi ndusu*. É a diversificação variável e progressiva da estrutura tupi-guarani no que se refere às regras de *gūasú* e *usú*.

deparar com a expressão *o yubá busú* (fl. 406), pelo menos à primeira vista deve ter essa impressão. — Só Restivo, decorrido quase um século (10), estabelece claramente, no guarani, com auxílio de índios capazes, as regras que regem o uso de *gūasú* e *usú*, a respeito das quais também titubeava ainda ao elaborar o seu vocabulário (11). Para o tupi, já em 1595, Anchieta as registrara (12), pois ai o seu enunciado é muito mais simples.

Nem no guarani, nem no tupi existe a forma *busú*. O *b* sempre pertence ao vocábulo anterior, mesmo quando, no guarani, por efeito da apócope, já não aparece no infinitivo ou no positivo dos nomes. No tupi, onde, no particular, o léxico ainda conserva suas desinências arcaicas, o fato é verificável com facilidade (12a).

Recordemos em ligeiros traços o que, com respeito ao assunto, já vimos expondo detalhadamente alhures.

<i>Guarani</i>	<i>— Tupi</i>	<i>— Português</i>
Tendá, tendaba	— tendaba	— assento, sede;
tendab-usú	— tendab-usú	— sede principal;
pé	— peba	— plano, chato;
ybyrá-pé	— ybyrá-peba	— madeira plana, tábua;
ybyrá-peb-usú	— ybyrá-peb-usú	— tábua larga.
etc. etc.		

Ressaltamos mais acima, que no guarani a queda definitiva da silaba átona ou consoante finais, que ali torna oxítonas terminadas em vogal certas palavras, provocou, de acordo com a regra, a substituição, alias rara, de *usú* por *gūasú*.

A usual apócope no guarani ainda deu uso a comprehensíveis mas injustificáveis trocas de consoantes, mesmo por mestres como Restivo, que no seu vocabulário (13) consigna *ybypé rusú* — *plantície* (de *yby peba* — *terra plana*), quando em Montoya (14) ainda encontramos corretamente *ybypé busú*, ainda que erroneamente separado, em lugar de *ybypeb-usú*.

Também Montoya, por sua vez, não está isento de falhas semelhantes, como vemos, por exemplo, no verbete *anā* (no tupi *anama*) — *grossso, espesso*, cujo superlativo vem formado em Restivo com acerto por *anambusú* (15),

10. Arte; pp. 19-20.

11. Veja o verbete *grande*, à p. 318.

12. Arte; fl. 13 e 13 v.

12a Veja também o que acerca de *busu* dissemos no capítulo dedicado ao guarajó.

13. No verbete *llanura*, p. 367.

14. Tesoro; fl. 167 v.

15. Vocabulário; verbetes *grueso, grossera cosa*, p. 319.

enquanto Montoya tem *anāngusú* (16), como se o positivo arcaico fôsse *ananga* (17) e não *anama*.

Aliás, a incerteza gradativa por decorrência compreensível da apócope, transparece claramente no próprio Restivo, quando, também êle, além da legítima, traz a forma etimologicamente insustentável de *anangusú* no verbete *homem tosco* (18), certamente corrente por analogia entre os índios.

A vista dêsses indícios entre os próprios mestres do guarani não nos devemos admirar que, no correr dos séculos e por efeito de fatôres vários, tais desenvolvimentos, compreensíveis para populações ilétradas, se tenham multiplicado.

O guarajá e o sirionó modernos ilustram as proporções dêsse desenvolvimento atingidas atualmente.

Passemos, porém, a exemplificação do emprêgo de *usu* e da sua variação *mbusu* no sirionó.

Quanto a esta última, notemos que *mbusu* aparece inicialmente no guarani antigo acrescentado a vocábulos terminados em vogal nasal, por efeito da apócope de sílaba átona começada por *m*, que se manteve no tupi. Só há *mbusu* no guarani, quando o correspondente tupi do vocábulo precedente for terminado em *ma* átona.

Exemplo:

<i>Guarani</i>	<i>Tupi</i>	<i>Português</i>
<i>nhemouū</i>	— <i>nhemouuma</i>	— enlamear-se,
<i>nhemouumb-usú</i>	— <i>nhemouum-usú</i>	— enlamear-se muito.

Por exigência eufônica, em lugar de *m*, o guarani exige, pois, a costumeira combinação *mb*, que no tupi, aqui e em outros casos, se dispensa a favor do *m* simples.

O sirionó mantém a praxe guarani do *mb*, como veremos a seguir.

#### EXEMPLOS EM "BUSU"

<i>Sirionó</i>	<i>Tupi</i>	<i>Português</i>
p. 185 — <i>kira-busu</i>	— <i>kyrá-gúasú</i> (19)	— muito gorduroso;

16. Tesoro; fl. 34.

17. No caso devemos ver influências analógicas: *anā*, *anhang*, *anhanga*. Varnhagen, estribado em Santa Rita Durão teimou em adulterar este último para *anhangá*, com adeptos até hoje.

18. Página 521.

19. Em tupi o sentido é gordo e se diz de pessoas ou animais. Para sebo e graxa usa-se *kagúera*, o pretérito de *kabu*.

- p. 249 — muta-busu — amotab-usú (20) — barba grande;  
 p. 190 — so-busu — sob-usú — folha grande;  
 p. 61 — tiakúa-busu — fagúar-usú (21) — onça grande.

3

**EXEMPLOS EM "MBUSU"**

- p. 35 — aná — anama — grosso, espesso,  
 p. 35 — aná mbusu — anam-usú — muito grosso, muito espesso;  
 p. 95 — haná — panama — borboleta,  
 p. 95 — haná mbusu — panam-usú (22) — borboleta grande;  
 p. 158 — itóo — apytuumá — miolo,  
 p. 158 — itóo mbusu — apytuum-usú (23) — miolo grande.

No guarani antigo os têrmos correspondentes aos três últimos exemplos, etimologicamente divididos, são:

- aná — anamb-usú;  
 paná — panamb-usú;  
 apytuu — apytuumb-usú.

Portanto, se os fonemas *b*, *m*, *mb* nos velhos dialetos nada têm que ver com *usú*, e, se mesmo no sirionó isso ainda é comprovável, é evidente que, no caso, não pode haver etimologia para a silaba *bu*, da qual o *b* e o *u* pertencem a palavras diferentes. E, quando mais tarde, por analogia, surge

20. Aqui o sirionó conservou a lembrança da forma antiga amotaba, embora, como também na palavra seguinte, o *b* passasse para o adjetivo, pelo menos na grafia do frade. Em tupi o têrmo significa bigode, e barbas de animais.  
 21. Até nessa palavra tão comum a forma busu conseguiu intrometer-se ao lado de rusu. Veja-se a nota ingênua do autor sobre a etimologia no respectivo verbete do Vocabulário. Como pode-se admitir que os índios salbam a origem de um têrmo tão velho? Até hoje não se lhe achou etimologia que se imponha. Compare Batista Caetano de A. Nogueira; Vocabulário; verbete *yaguár*. Evidentemente, há no tupi e nos outros dialetos têrmos perfilhados de diversas línguas e fagúara pode ser um deles.  
 22. A permuta de *p* com *h*, que só verificamos no sirionó, torna algo ousada qualquer etimologia baseada em étimos com *h*.  
 23. Frei Schermaier, tão afoto em aventar etimologias, esbarrou na palavra *itóo* sem nada sugerir. De fato, o têrmo sirionó é dêstes que mostram claramente como é perigoso escarafunchar etimologias exclusivamente apoiado num dialeto moderno, onde o léxico em geral sofreu tôda a sorte de metaplasmos, que não raro, desfiguram o vocabulário ao ponto de ser quase irreconhecível o radical.

Entretanto, a etimologia de *itóo* é uma das mais transparentes para quem se dedica a estudos comparativos.

Temos no guarani apy, py — o interior de qualquer couxa, a que correspondem no tupi apú, pu. Túu no guarani e tuuma (r-, s-) no tupi significam massa pastosa. Apytuú e apytuumá são assim, respectivamente, a massa pastosa contida no seu meio original. Na acepção de miolo e medula, ambas essas formas são propriamente reduções de têrmos mais concretos ainda conservados no tupi: Kanga-putuumá — medula, e, nkanga-putuumá — miolo. O *t* inicial de tuuma é o índice móvel de classe superior, que cabe à massa pastosa dos ossos, para distingui-la do sedimento, da lama e de outras massas pastosas, que se traduzem por suuma.

Naturalmente, a aférese tão comum no sirionó impedi o operoso franciscano de dar com a verdadeira procedência. A sua discrição no caso evitou-lhe mais uma extravagância.

a forma *busu*, o *b* não passa de intruso eufônico, sem sentido próprio; não existe, nem no vocábulo *usu*, nem no que o precede.

Não tem, pois, nenhuma consistência o que frei Schermair diz de *bu*.

— Mas, quem ainda se der ao trabalho de comparar as suas definições de *busu*, *bu* e *su*, ficará simplesmente boquiaberto, pois quanto ao sentido que o frade lhes dá, é tudo uma coisa só: *muito, grandemente*, como se deduz do *Vocabulário*: p. 60, verbete *bu* 1; p. 61, verbete *e-busu*; p. 205, verbete *e-kúasu*, verbetes *su* 3, *su* 4, p. 390. — Mas, nem sempre é fácil penetrar o pensamento de frei Schermair, sem estar enfronhado em certos meandros da dialetologia tupi-guarani.

### *EXEMPLOS EM “RUSU” E “NDUSU”*

Já dissemos que *rusu* não se justifica etimologicamente no guarani e que, mesmo no guaraió, só o encontramos propriamente em *oyg-rusu* e, ainda assim, diversificando a forma *oyg-busu*.

O sirionó, que tanta coisa subverteu, não faria exceção na forma *rusu*. Ao contrário, sancionou-a e introduziu até uma variante abrandada, *ndusu*, que a substitui quando precedida de nasal.

Exemplifiquemos:

#### *Rusu*

<i>Sirionó</i>	<i>Tupi</i>	<i>Português</i>
p. 204 — mukúare rusu	— mokúar-usú	— aprofundar (buraco);
p. 403 — takúua rusu	— takúar-usú	— bambu grande, taquaruçu;
p. 61,356 — tiakúua rusu	— iágúar-usú (24)	— onça grande;
p. 309, 311, 356 — ibi rusu	— yby-gúasú	— muita terra;
p. 226 — mbui rusu	— andirá-gúasú (25)	— morcego grande;
p. 349, 356 — muta rusu	— amutab-usú (26)	— barba grande.

#### *Ndusu*

p. 50 — ānkí ndusu	— akang-usú (27)	— cabeçorra;
--------------------	------------------	--------------

24. O termo também admite *busu*. Veja o que dissemos na nota 21 deste capítulo.

25. No tupi não encontramos o vocábulo correspondente. Ele existia, porém, no guarani, na forma de *mbopi*. Houve, portanto, sincope do *p* no sirionó, o que deve ter dificultado a interpretação etimológica.

26. Muta ocorre ainda com *kúasu* e *busu*, de que tratamos acima. Veja a nota 6.

27. Também existe a forma *ānkí nkúasu*. — Uma das mais fantásticas etimologias aventadas por frei Schermair é a de *ānkí* — alma pequena. Parece incrível, mas, por ignorar as múltiplas transformações do léxico sirionó, no caso pela atérese de *ak* do termo *akang(a)*, o bom do missionário confundiu *akang(a)* — cabeça com *ang(a)* — sombra, fantasma, alma (!!) e naturalmente também os seus próprios conhecimentos sobre as funções do cérebro com o que os índios pensam. Que cilada perigosa para o pe. W. Schmidt, se vivo fosse; talvez quelmasse as pestanas na elaboração de uma teoria fundada na alminha do franciscano. — Compare ainda a manifesta contradição entre esta etimologia e a do verbete *e-la* (p. 111).

p. 324 — rēi ndusu — āi-usú, anh-usú (28) — dente grande.

Nos três primeiros exemplos, como se verifica nas formas tupis, o *r* de *rusu* tem fundamento etimológico, mas pertence ao vocábulo anterior. A grafia unida de *takñarusu* e *tiakñarusu* evitaria pelo menos a notória aparência errônea, que sobressai na separação.

Nos três seguintes *rusu* não tem justificativa de origem e só se explica pelo desenvolvimento analógico.

Em qualquer dos casos só se poderia falar em etimologia de *usu* ou, no máximo, de *u* e *su*, mas nunca de *ru*, pois o *r* pertencente ao término anterior, etimologicamente nada pode acrescentar ao sentido do *u*, último fonema remanescente de *usu*.

O que acabamos de dizer do *r* também vale para o *b* de *busu*.

Compreende-se, assim, que frei Schermaier não podia achar diferença de sentido entre *bu* e *ru*.

Nos dois últimos exemplos a forma *rusu*, já que se legitimara por analogia no sirionó, abrandou-se em *ndusu*, por efeito da sílaba nasal do vocábulo antecedente, mantendo assim uma velha tendência tupi-guarani, que também se manifesta nas suas formas divergentes: *ānki nkñasu*, *rēt nt̄usu* e *rēi nkñasu*, pela intercalação de um *n*, embora não se abrandassem as consoantes surdas *k* e *t* nas sonoras *g* e *d*.

#### A FORMA "SU"

Frei Schermaier classifica a forma *su* de “particula ou verbo intransitivo e defectivo, que se encontra em certos compostos”, onde tem a acepção de *grande, excepcional, descomunal*.

Em alguns térmos chega a ver em *su* uma particula sufixada de sentido privativo: *não, sem destituído de*, dando como exemplos *kwåsu* (=*kñasu*) e *irisu*. Para o frade, *kñasu* não é apenas *grande* e *grosso*, mas um composto de *kña* (no tupi *kñara*) — *buraco, cova* e por extensão *qualquer objetivo estreito* (!) mais *su* — *privado de, não, ou seja: kñasu — alguma cousa privada de escassas dimensões*, isto é: *grande, vasto, enorme, uma definição correta com étimos supostos em que, provavelmente, devemos ver mera adaptação eufônica*. Na palavra *irisu* Schermaier conserva-se mais aconchegado ao sentido das partes componentes, pois *iri* deve ser a negação *i*, que no guarani substitui em alguns casos o sufixo verbal de negação *i*, complementando a particula anteposta *nda*, ou seja *nda... iri — não*.

28. O término *rei* forma o seu aumentativo também com as variantes *nt̄usu* e *nkñasu*.

A rigor, o vocábulo Sirionó *tisu* (= *tri* — não + *su* — muito) não é coisa nenhuma mais do que uma negação reforçada: *muito não, absolutamente não, de todo privado de...* — *Su* nada tem aí de negativo; continua sendo adjetivo/advérbio, dando um grau superlativo à negação *iri*.

Mas, onde possivelmente o esforçado franciscano aliviou, numa inocente fantasia a pressão penosa da continência monástica, exposta à visão diária dos quadros da vida livre dos índios, é na sua etimologia da palavra *tiasu*. Mais uma vez foi aí vítima dos desnorteantes metaplasmos do sirionó ao ver em *tiasu* — *porco do mato* um composto de *tia* — *ovos, testículos*, e *su* — *grandes*, significado que o nosso sertanejo traduz pitorescamente por *colhido*.

A verdadeira etimologia é, porém, muito outra. Ao termo sirionó sincopado *tiasu* corresponde no tupi e no guarani a velha forma *taiasú*, composta de *táta* — dente (29) e *asú* por *usú* — grande. *Taiasú* é pois literalmente o *dentuço*, o animal de *grandes caninos característicos* e não de *testículos desenvolvidos*, que o não individualizam, porquanto, comparado com outro habitante do mato, muito familiar aos índios, o tapir, este se lhe avantaja no particular (30).

Em resumo, tanto quanto nos é dado julgar, a partícula sirionó *su*, quando sufixada, nada mais é do que o adjetivo/advérbio tupi-guarani *usú* reduzido por aférese. A substituição freqüente de *su* por formas outras é uma das peculiaridades da língua sirionó.

#### AS FORMAS "RU" E "NDU"

É muito possível que *ru* tenha alguma conexão longínqua com *ruru* — *inchado*; porém, os múltiplos encurtamentos dos vocábulos sirionós sugerem tratar-se antes de simples diversificação de *rusu*, tanto mais quanto ambas as formas, *rusu* e *ru*, depois de nasais costumam transformar o *r* em *nd*, como veremos abaixo.

Pelo que podemos julgar através do manuseio dos vocabulários de frei Schermaier, o emprego de *ru* não parece obedecer a razões especiais.

Eis, alguns exemplos, em todos os quais convém reparar também nas características elisões de fonemas.

29. Só com os indispensáveis estudos comparativos poderia Schermaier concluir que *rei* corresponde à forma relativa guarani de *taí*, que é *rãi*, — dente, que foneticamente não se distancia muito de *rei*, sobretudo consideradas tantas outras transformações mórficas do sirionó.
30. Numa das lendas indígenas, o tapir sucumbe mesmo pelos testículos à vin- ganca do jabuti. Tastevin C. — *La Langue Tapihya*; pp. 238-255.

*"Ru"*

<i>Sirionó</i>	<i>Tupi</i>	<i>Português</i>
p. 349 — i ru	— py-gûasú	— pés grandes;
p. 349 — isa ru	— apysá-gûasú (31)	— orelhas grandes;
p. 349 — o ru	— po-gûasú	— grosso (fio, pano);
p. 298 — rao ru (32)	— sapó-gûasú (r-, s-)	— raiz grossa;
p. 323 — rembe ru (33)	— embé-gûasú (t-, r-, s-)	— beiçola.

*"Ndu"*

p. 366 — sã ndu	— .....	— muito grosso (de <i>fio</i> , árvore, <i>tâbua</i> etc.).
-----------------	---------	---

Esta palavra *sã* é uma das que melhor mostram a inconsistência das etimologias excogitadas restritamente com dados sirionós.

*Sã* tem ali quatro acepções diferentes, três das quais o frade amassa num bôlo único, para, a seguir, oferecer a monstruosa etimologia geral *sã ndu* — *muito grosso*.

Senão vejamos.

<i>Sirionó</i>	<i>Tupi</i>	<i>Português</i>
p. 364 — sã	— sama	— soga, corda;
p. 364 — sã	— sakâ (r-, s-)	— galho, renôvo;
p. 365 — sã	— asanga	— grosso, rechonchudo.

Eis agora, a forma aumentativa ou superlativa que lhes corresponde:

<i>sã ndu</i>	— sam(b)-usú	— corda grande e grossa;
<i>sã ndu</i>	— sakâ-gûasú (r-, s-)	— galho ou renôvo grande;
<i>sã ndu</i>	— asang-usú	— muito grosso ou rechonchudo.

Esta forma única de *sã ndu* (34), torna compreensível por que o frade, sempre alheio a estudos comparativos, veja nela, em vez dos três termos etimologicamente diferentes de: *corda grande e grossa*, *galho grande*, e,

31. Citamos *apysá-gûasú* por *nambí-gûasú* apenas pela correspondência do positivo. Em tupi, *apysá* é ouvido e *nambí* — orelha, de onde *nambí-gûasú* — orelhas grandes, em divergência com o sirionó.
32. *Rao* é a forma sirionó sincopada de *rapó*, relativo de *sapó* em tupi e *hapó* no guarani — raiz.
33. Ainda aqui fixou-se no sirionó a forma relativa de *embé* (t-, r-, s-), ou seja *rembe* no tupi e no guarani.
34. Note-se a apócope em todos os três verbetes à qual se junta no terceiro uma aférese, reduzindo três palavras tão diferentes a um homônimo único no sirionó.

*muito grosso*, simplesmente uma única acepção, a última, *muito grosso*, mas aplicada sobretudo a *fio, corda, galho* (!!) e, naturalmente, por extensão semântica a *árvore, tábua* etc.

Vê-se aí, que os verdadeiros significados etimológicos continuam presentes no sirionó, ainda que ausentes das estreitas deduções do seu mestre. Sã *ndu*, na apresentação única de frei Schermair, vale por nova advertência aos estudiosos de que o sirionó com os seus desconcertantes metaplasmos constitui uma cilada permanente ao etimologista incauto e despreparado.

#### AS FORMAS “TIUSU” E “NTIUSU”

Estas variações são, como já dissemos, as correspondentes a *djusú* guarani (35). Em rigor talvez nem se devesse falar em segunda forma, porque, pelo menos na palavra que citamos, o *n* pertence antes ao velho substantivo. Como *tiusu*, a exemplo do guarani, só parece ter aplicação após ditongos terminados em *i*, o seu uso é relativamente raro e, ainda assim, não exclusivo. Exemplos:

Sirionó	— Tupi	— Português
p. 222,487 — mbeí <i>tiusu</i>	— mboi-usú (36)	— cobra grande, boa;
p. 324,487 — rẽi <i>ntiusu</i>	— anh-usú (t-, r-, s-)	— dente grande (37).

Não poderíamos fechar o parágrafo de *tiusu* sem uma referência à impagável etimologia do *tiusu*, que frei Schermair nos quer impingir.

Sabemos através dos ensinamentos de Restivo, que o fonema *y* (=*dj*) guarani aparece como elemento de ligação entre *usú* e a palavra precedente, quando esta acaba em ditongo decrescente, cujo segundo elemento é *i*.

Guarani	Tupi	— Português
Mboi <i>djusú</i>	por: mboi usú	— cobra grande;
Tãi <i>djusú</i>	por: tãi usú	— dente grande.

Esse fonema composto *dj* é apenas eufônico. Desusado no tupi, não tem sentido algum no guarani e, portanto, também não tem *ti*, o seu correspondente sirionó, que é apenas um desenvolvimento daquele. Não pode,

35. Os mestres guaranistas escreveram *yuçú* (*y-dj*).

36. No guarani *mbol-djusú* (=*mbol-yuçú*), forma mais consentânea com a fonética sirionó.

37. Em tupi ocorrem duas formas: *ña* e *anh*, esta última foneticamente algo mais próxima do termo sirionó *reñiusu* — dentuço. O correspondente guarani é *tãi-djusú* (=*tãi yuçú*).

assim, ser forma reflexiva, recíproca ou qualquer outra cousa, como quer Schermair.

Em resumo: Tôdas as etimologias do ingênuo franciscano referentes a: *kûasú*, *busú*, *rusú*, *ru*, *tîusú* são pura fantasia de quem se esqueceu do princípio fundamental de quaisquer indagações dessa ordem: o *estudo comparativo dos dialetos congêneres ascendentes*, cujas formas tantos esclarecimentos podem fornecer.

Como dissemos no início, Schermair lembra um pouco o pe. Tastevin, que também teve uma idéia similar: a de revelar através dos miserios salvados do *nheengatu*, a verdadeira estrutura do primitivo tronco tupi-guarani (!). Mas, o pe. Tastevin era um missionário leigo em lingüística e frei Schermair entrou na arena acobertado por escudo universitário, que lhe cabia respeitar.

Entretanto, ainda que a ciência etimológica do franciscano surja com atraso de um século e que muito do seu vocabulário padeça dos estigmas indeléveis do seu incompreensível alheamento aos elementos básicos da lingüística tupi-guarani, a sua contribuição a êsses estudos ainda é muito valiosa, inestimável mesmo, pois o *sirionó* revela tendências tais, que, principalmente no terreno das mutações léxicas, dão que pensar a qualquer glotólogo.

Só nos referimos aqui à trajetória de um único adjetivo através da composição vocabular. Por ela poderemos julgar a multidão de surpresas que se disfarçam para o lingüista nos compêndios sirionós do esforçado frei Schermair.

Como pudemos verificar em alguns exemplos, há nos seus livros verdadeiros quebra-cabeças e traiçoeiras ciladas para o estudioso que a êles recorrer sem extrema cautela e sem constante recurso às luzes do guarani e principalmente do tupi.